

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publicase aos domingos—Assimase, a 2000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.—Pagamento adiantado.

NUMERO 16.

O DOMINGO.

MAANHÃ, 4 DE MAIO DE 1873.

A poesia popular brasileira.

I

A grande seculão da poesia popular está em ser profundamente sentida.

Th. Braga. Concineiro T. I.

Escrever um livro que historiasse todas as phrases porque tem passado a poesia popular brasileira, que lhe notasse a accentuação verdadeira, a sua originalidade, fazendo, ao mesmo tempo, resaltar as partes em que ella foi beber nas tradições estranhas, a *assimilação* empregada em sua elaboração, os romances herdados da metropole, um livro finalmente do qual se concluísse quaes os elementos que produziram e presidiram a formação dessa poesia popular, escrever um livro assim, seria tarefa por demais pesada, senão uma impossibilidade. Um trabalho inglorio é o que havia de ser com certeza.

A extensão deste nosso imperio, os dispendiosos e difficeis meios de transportes a uma outra provincia, a falta completa de documentos em nossas bibliothecas e archivos, a má vontade dos guardas desses pacificos remansos de traças, tudo isto mette medo á quem quizer se dar ao tra-

balho de estudar, colleccionar e beber na tradição oral do povo os fragmentos de todos esses romances, xacaras, prophécias e cantigas que formam o corpo do Romancero Brasileiro. Esta é uma das razões que impossibilitam a tentativa de um livro no genero em que fallamos.

Ha, porém, outra razão mais forte e vem a ser que nós somos um povo de 3 seculos e meio de idade, e este espaço é muito curto para que dentro d'elle, se tenha podido formar coisa que valha a pena de ser colleccionada, attenta a pouca virilidade e accentuação da raça d'onde descendemos. A maior parte do nosso Romancero, senão a sua quasi totalidade, não é mais do que uma copia do Portuguez, que nasceu-se por sua vez, nas tradições celticas e nas dos povos do Norte da Europa, levadas e espalhadas pelos Cruzados, quando, de passagem pela Península Iberica, procuravam o santo ciborio.

D'aqui a consequencia de que escrever um livro como dissemos era apenas fazer a historia da transplantação do Romancero portuguez para o nosso paiz. Isto seria de interesse mediocre. Nem ao menos temos bases para a invenção de um facto, como o de *mosarabismo* de Th. Braga que

nos desse um colorido artificial de originalidade.

A' vista, pois, destes factos, é quasi uma impossibilidade, seria de nenhum interesse escrever um livro em semelhantes condições.

Levado por um patriotismo impensado, ou por outra qualquer razão, já alimentamos a idéa de escrever um livro assim. Depois abandonamos essa idéa, quando nos vimos diante das difficuldades, e quando reconhecemos a pobreza do nosso Romancero.

Tendo nós colligido porém, alguns romances e uma infinidade de cantigas soltas, tendo notado um elemento original, embora fraquissimo, nosso, puramente brasileiro, não nos podemos ter mão ao desejo de fazel-os conhecidos e de mostrar qual esse elemento gerador do nosso Romancero.

Este artigo, pois, é um estudo incompleto, defeituoso e que apenas pôde provar a boa vontade que a elle preside e a probidade litteraria que o acompanha.

A conclusão que se poderá tirar d'elle não será muito lisongeira para nós, porém elle provará que ha alguém que estuda o que tem desejos de aprender.

FOLHETIM DO DOMINGO.

O Irmão e a Irmã.

NOVELLA.

(E. Driano).

Tradução de A. Brito.

(Continuação do n. 15.)

II

Os dias, os mezes, os annos, tinham-se passado sem trazerem mudanças notaveis na existência do Irmão e da Irmã. Uma nova lembrança mais doce que cruel a medida que o tempo os acompanhava, estava com elles: a menina tinha estado bastante doente; a idéa de perdê-la, que um momento tinha posto Natal louco de dor, tornou-se em alegria ao vê-la salva, deixando no seu coração uma impressão indeleavel, porque esse dia, unicamente é que elle havia comprehendido a extensão do seu amor paternal.

Por seu lado a criança não podia esquecer a ternura e os cuidados do seu irmão; por isso que, ti-

nda idéa para bem os apreciar. Ella não tinha uma natureza secca e egoista: no amago de seu coraçãozinho encontravam-se thesouros de reconhecimentos.

Agora, tinha ella desesete annos. Sufficientemente instruida e já boa pintora em porcelana, afinal deixou o collegio para vir morar com seu irmão.

Tor sua casa, ter cuidado d'elle, pagal-o com um pouco de amizade o seu affecto—falava o sonho de Germana, depois de sua primeira sociedade. Forçoso lhe era esperar com mais ou menos paciencia: finalmente realisava-se. Com lagrimas aos olhos, ella disse o adeus as caras mestras, nos campos predilectos, ás suas companheiras, ao jardim, ao seu leitossinho enfim. Deixava verdadeiros pezares; mas apoiando-se nos braços do seu irmão, ella lhe sorria, e os choros eram já seccos.

Foi para sua casa soberana senhora; e elle não arrependeu-se de sua confiança. A menina activa, laboriosa, intelligente, trocou em pequeno paraíso os tres quartos tristonhos e solitarios que compunham todo o aposento de Natal.

Um teve logo o titulo pomposo de sala de vestidas, quando um tapete collocado sobre a mesa de

juar, encobrio n'ella industriosamente a figura; quando, raiadas-margaridas, em vasos de porcelana singela adornaram a chaminé, e um velho espelho, que, pela sua antiguidade, torcava-se precioso, inclinou-se para cima como um espelho de Venezia. As cortinas bem alvas pelas janellas mais transparentes, deram a essa sala um aspecto tão alegre, que, Natal ali entrando, e achando-se encantado, notou pela primeira vez que ella não devia estar ao norte, como tinha sempre supposto, e que um raio de sol o illuminava.

Germana ria-se, feliz de tão bem acertar.

Seu pequeno quarto foi por ella convertido em officina onde podesse trabalhar a vontade na sua predilecta pintura.

Unicamente o quarto de Natal, sua secretaria e papeis foram respeitadas: pedira-lhe simplesmente muito submissamente a permissão de levantar a poeira e pôr em ordem as gavetas da commoda, o que foi concedido sem difficuldade, com um sorriso e uma meiguice.

Se o sonho de Germana estava concluido, o de Natal estava sobremontado. Nunca elle havia supposto tanta felicidade nestes gosos tão puros, tanta

Declaramos ainda mais que todos os romances, xacaras, cantigas e etc. que se citeu aqui, ou que se tenham de publicar, foram bebidas na tradição oral do povo, e apresentam-se extremos de composição ou correção nossas, não tem arrebiques nem postigos, os quaes destruiriam a sua originalidade.

A provincia que mais elementos forneceu para este estudo foi a do Maranhão, cujo interior é muito conhecido do autor. Depois della Pernambuco, principalmente nas cantigas politicas e finalmente a Bahia. A estas, pois, somente dizem respeito as proposições que aqui se avançarem.

Pedimos em ultimo lugar, á aquelles que se dão a este genero de estudo, que nos façam notar as faltas em que incorreremos, ou que nos proporcione meios de emendal-as.

Modesto, como nos apresentamos, aceitaremos todas as correções sensatas que apparecerem, e buscaremos corrigil-as, si algum dia dermos mais extensão a este estudo, quer nas idéas, quer na collecção a que nos dedicamos.

(Continúa.) *N.º 20 Celso de Magalhães.*

NOTÍCIAS DA PACOTILHA.

Infelizmente não sou empregado da thesouraria. Si o fosse, com a entrada do vapor do Sul, cantaria Hosannas ao Deus da gente pobre, fazendo coro com esse grupo que era tão mal recompensado pelo Governo. Foram-lhes, aos empregados, augmentados os vencimentos, o que creio não ser novidade para o leitor, principalmente si estiver no numero daquelles, em cujo caso deve aceitar-me os parabens.

tranquilidade na sua humilde casinha. Até então tinha uma vida erma, e eis que Deus lhe enviava um anjo!

Era verdade que era um anjinho, posto que não tivesse os cabellos loiros e os olhos azues.

Ella era mais engracada que bella, graciosa ao breludo, e tão simples, tão llana, tão affectuosa e tão activa!

A pequena fada, p recia ter uma varinha magica para transformar tudo o que ella tocava.

Nunca Natal havia estado tão elegante, e mesmo com roupas velhas.

—Senhora fada, lhe dizia elle sorrindo-se, quando fará de mim um primeiro ministro?

—Oh! o aldeão ambicioso, respondia ella, que pensa em trocar o nosso salão por um palacio!

O que devia ser para Natal uma surpresa maior ainda, foi o contar um dia as economias do mealhheiro. O potesinho de barro arrumado, peças do ouro, que não tinha nelle deitado, saltaram. Impossivel é descrever a sua estupefacção.

Germana inteiramente confusa, decidin-se a rir com os brilhaos.

—Como! disse Natal, quando eu suppunha que

Sei de muitos d'entre esses empregados que apenas este accrescimo aguardavam para realizar seus sonhos matrimoniaes, pelo que muitas d'entre as maranhenses devem tambem ser brindadas com outros parabens.

—Será certo que o Sr. gerente da Companhia Ferro Carris dimittiu, segundo consta, um conductor, pelo motivo de ser o pobre homem casado? A mim garantio-me pessoa competente a veracidade do facto, narrando-o assim:

GERENTE—V. é casado ou solteiro?

CONDUCTOR—Sou casado, Sr.

GERENTE—(imponente) Está dimittido.

CONDUCTOR—Desejava saber quaes são as minhas faltas.

GERENTE—V. ganha dinheiro n'outra parte?

CONDUCTOR—Não senhor.

GERENTE—Pois o caso é o mais natural do mundo: V. com seu ordenado de conductor não pode sustentar mulher e filhos e portanto é obrigado a fazer seus ganhos de vez em quando.

CONDUCTOR—(deviatizca, mas não disse) Então V. S. pensa que só com 8 contos de reis podem passar os homens casados?

Deseja um instante de sua dignidade de gerente, e dê um passeio pelas choupanas dos miseraveis! Verá como a esposa do jornaleiro é mais jovial e alegre que a esposa do fidalgo; verá que é mais livre o ar dos albergues que o dos sumptuosos palacios; verá que o sorriso que brilha nos labios dos filhos da gente pobre, é mais franco que os dos herdeiros das grandes casas!

Mas o pobre conductor não teve ener-

para dois deviamos gastar mais, eis que vejo o contrario!

—Graças a minha varinha! respondeu ella; e mais gravemente:—Vê tu, disse, eu não sou uma pequena fada, mas uma pequena economica: um pouco mais de ordem por aqui, por ali—eis o segredo de nossas riquezas.

—Cara criança, exclamou Natal, cobrindo de beijos seus lindos cabellos, meu anjo, minha fada, meu thesouro!

—Tua filha, Natal. Não tens sido para a orphanasinha o mais terno dos pais?

Quando a menina terminou em casa o obra de que se havia encarregado; quando nada mais leve a offerecer aos maravilhados olhos de Natal, o que chamava nova magnificencia; quando ficou lem certa que o presado irmão era feliz, resolveu trabalhar e ajuntar assim a commum prosperidade.

Ao principio, Natal quiz oppôr-se á isso; porém reflectio:

Elle tinha quinze annos mais que Germana; sua vida estava entre as mãos de Deus, que podia tiral-a de um momento para outro; a habilidade da menina era o seu unico futuro; tinha pois o direito

gia para vingar-se da estulta dimissão imposta pelo seu severo superior.

Já vêem os leitores que o logar de conductor do bonds só está para os solteiros e viuvos, porque os casados gastam dinheiro!

Valha-o Deus, Sr. gerente.

Si V. S. continuar a praticar dimissões á semelhança desta, e de outra, inda mais futil, que já deu, continuará a perder muito no conceito e na sympathia do publico, julgando adquirir uma força moral, que não ha de existir.

—Vão abrir-se as portas do nosso velho theatro para dar passagem ao Sr. Giovanni Scolari, basso profundo de uma excellente companhia lyrica que se dissolveu em Pernambuco, e cujo talento é sobremodo apregoado pela imprensa do Sul.

Consta-me que cantará aqui a *Aria do sonho de D. Carlos*, a penultima opera de Verdi, e o *Canto do Aventureiro do Guarany* do festejado Carlos Gomes, cujo desempenho foi muito apreciado n'outras provincias.

O Sr. Scolari trazia em sua companhia duas cantoras, que, com medo do *beriberi* deixaram-no, creio eu, no Ceará; mas—si viessem!—o *beriberi* não é molestia que atemorise; não tem feito muitas victimas, porque, felizmente, os medicos ainda lhe não descobriram um antidoto... Emquanto nas viagens, e não nas fricções, purgantes e garrafadas achármos o melhor remedio á semelhante mal, tudo irá ás mil maravilhas.

A Companhia Keller que na capital do Ceará está dando apreciaveis espectaculos de *quadros vivos*, tenciona tambem visitar-nos. Deus queira que não tenham

de encharagal-a? Não: ella era moça e corajosa, tinha amor á sua arte; constantemente que não se fatigasse, tanto que suas faces rosadas não paltecessem!

Debaixo destas condições, lhe disse Natal, abraçando-a, eu consinto: faz o que quizeres, boa crianga, e se o teu trabalho nos enriquecer, eu aceitarrei de ti as riquezas, eu t'o juro, sem envergonhar-me, com prazer e cheio de orgulho por te dever alguma coisa.

Hei! irmão, respondeu modestamente Germana, eu não tenho tanta esperanza e ambição.

Traballar; porém, como?—Ella era muito crianga, muito inexperiente, para andar só com o lito de dar lições: era pois isso impossivel. Preferio procurar obras em nossas lojas as mais do tom. Quantas difficuldades que podiam desanimal-a! Porém o bom Deus bendisse os seus esforços.

Ella não só tinha bom gosto, como grande talento; aquelles que quizeram confiar-lhe a decoração de finas porcelanas, não se arrependeram, e mixeram-fil obras á corajosa menina.

(Continúa.)

medo tambem da *beriberi*. O diabo não é tam feio como se piata.

Falla-se n'uma companhia *bonfe*, e garante-se a vinda da companhia dramatica.

Deus queira que não fiquemos no *ora vejam!*

—Recebemos, isto é, a redacção do *Domingo* recebeu de Pernambuco dous interessantes jornaes academicos:—*O Trabalho*—politico e litterario, *O Yabaro*, critico e litterario. Mostram os novos campeões nos seus primeiros numeros quanto se esmeram na escolha de bons artigos, sahidos todos das pennas de uma parte desses manebos illustrados e talentosos, que farão o futuro litterario e a gloria do Brazil, que nutre a seu respeito as mais robustas esperanças.

—Ha em Santiago a festividade do mez de Maria, á noite, e no convento de N. S. da Anunciação e Remedios, de manhã.

—O Sr. Dr. Dodt, engenheiro a serviço do ministerio de agricultura, commercio e obras publicas, publicou todos os relatorios que á diversos presidentes desta provincia tem exhibido acerca das explorações, estudo e observações que tem feito no nosso porto e em diversos rios nossos, cujo excellento trabalho merece ser lido por quem se interesse pelo progresso material do Maranhão.

—Espera-se do Mearim o Sr. Dr. Alexandre Theophilo, dilecto amigo de Gonçalves Dias, para proceder-se á inauguração da estatua do grande poeta.

Sem mais assumpto,

O Domingos.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset).
(cont. x. 13).

VI

Um anno após este acontecimento, na camara de uma casa situada na rua da Buloi, em Paris, no quartirão das diligencias, uma moça em trajes de luto, estava assentada ao pé de uma mesa, junto ao fogão. Sobre esta mesa estava uma garrafa de vinho ordinario, meio vasia, ao lado de um copo. Um homem curvado pela idade, de physionomia aberta e franca, vestido quasi como um obreiro, passeiava á passos largos na camara. De quando em quando chagava-se á joven e parava defronte della á contemplar-a com ar paternal. A moça então estendia o braço, levantava a garrafa com uma pressa em que se trabia involuntaria repugnancia, e enchia o copo. O velho bebia um trago, depois recommençava o passeio, ges-

ticulando de um modo singular e quasi ridiculo, em quanto a moça, sorrindo tristemente, seguia seus movimentos com attenção.

Era difficil advinhar quem eram aquellas duas pessoas: uma, immovel e fria como se fora de marmore, porém cheia de graça e distincção, mostrando no rosto e nos menores gestos mais do que aquillo que ordinariamente se chama belleza; o outro, de apparencia vulgar, com a roupa em desordem, de chapéona cabeça, bebendo vinho de taverna e fazendo rosoar no pavimento os pregos de seus sapatos. Era um estranho contraste.

Estas duas pessoas ligavão-se entretanto pelos laços de uma amizade bem viva e bem terna. Eram Camilla e o tio Giraud. O digno homem chegara á Chardoneux na occasião em que Mm. d'Arcis era levada da igreja para sua ultima morada. Sua mãe morta, seu pae ausente, a pobre creança achou-se inteiramente só n'este mundo.

O cavalheiro, uma vez que abandonou sua casa, distrahido pela viagem, retido por seus negocios, e obrigado a percorrer muitas cidades da Hollanda, só muito tarde soube da morte de sua mulher; de sorte que passou-se quasi um mez em que Camilla esteve, por assim dizer, completamente orphã.

E' verdade que havia em casa uma governante encarregada de cuidar da menina, porém a mãe, em quanto viva, não admittia partilha.

Este emprego era por tanto uma sinecura; a governante apenas conhecia Camilla e nenhum soccorro lhe podia prestar em semelhantes circumstancias.

A dor da pobre menina pela morte de sua mãe foi tão violenta que, por muito tempo, temeo-se por seus dias. Quando o corpo de Mm. d'Arcis tirado d'agua, foi levado á casa, Camilla acompanhava o fenebre cortejo, dando gritos de desespero tão lamentosos, que quasi fazião medo. E com effeito havia não sei que de medonho n'este ser habitualmente mudo, doce e tranquillo, que de repente rompia o silencio em face da morte. Os sons articulados que lhe escapavão dos labios e que ella só não ouvia, tinham alguma cousa de selvagem: não erão palavras nem gemidos, porém uma linguagem horrivel, inventada pela dor.

Durante um dia e uma noite, estes gritos espantosos não cessarão de atoar a casa; Camilla corria para todos os lados, arrancando os cabellos e batendo-se pelas paredes. Em vão quizerão detel-a; a força

mesmo foi inutil. Quando a natureza cansou, foi que ella cahio ao pé da cama em que jazia o cadaver de sua mãe.

Então pareceo que tudo esquecia, retomando sua costuma da tranquillidade. Cahio em uma calma apparente, andou ao acaso todo o dia com passo lento e distrahida, sem se recensar aos cuidados que lhe prestavão; julgáron-na voltada a seus antigos habitos e o medico chamado enganou-se como os mais; porém uma febre nervosa se declarou com os mais graves symptomas. Foi preciso velar constantemente sobre a doente, cuja razão parecia inteiramente perdida.

Foi então que o tio Giraud tomou a resolução de vir á toda pressa em soccorro da sobrinha.

—Já que ella não tem pae nem mãe presentemente, disse elle ás pessoas de casa, declaro-me seu tio legitimo, encarrego-me de velar para que lhe não sobrevinhão desgraças. Sempre gostei d'esta creança; muitas vezes pedi a seu pae que m'a cedesse para me fazer rir. Não quero privar o della, é sua filha, porém agora tomo-a sobre minha protecção. Restituil-a hei liclmente quando voltar.

O tio Giraud não tinha lá muita fé nos medicos, por uma razão bem simples:—nunca adoeceera.

Uma febre nervosa sobre tudo, parecia-lhe chumera;—desarranjo de idéas, que uma pouca de distração devia curar, por isso que decido-se á levar Camilla á Paris.

—«Vejo», dizia elle, vejo que esta creança não tem mais que uma profunda saudade; vive á chorar e... não deixa de ter razão;—uma mãe não morre duas vezes. Mas não se segue por ter morrido a mãe que vá a filha atraz; é preciso fazer com que ella pense em outra cousa. Dizem que Paris é bom para isto; nem eu nem ella conhecemos Paris, portanto esta viagem fará bem á ambas.

Só a diligencia é meia cura feita; eu tento tão pesares como qualquer outro, mas, só a vista do cahido do possillão á saltar-lhe nas costas é bastante para alegrar-me.—

Depois de estarem em Paris, o cavalheiro foi instruido d'este viagem pelo tio Giraud, e approvou-a. Elle voltou de sua excursão a Hollanda com uma melancolia tão profunda, que lhe era impossivel ver quem quer que fosse; evitava encontrar-se com todo o ser vivente e parecia querer fugir á si mesmo. Quasi sempre só, ás vezes a cavallo, fatigava o corpo além do necessario, para dar algum repouso á alma. Devorava-o uma agonia occulta, in-

curavel. Accusava-se-lhe no fundo d'alma ter causado a infelicidade de sua mulher enquanto viva e contribuido para sua morte.— Si eu estivesse lá pensava elle, ella viviria:— e eu devia ter ficado. Este pensamento, que o não abandonava, envenenava-lhe a vida.

Elle desejava que Camilla fosse feliz; presentemente estava em disposição de fazer os maiores sacrificios para o conseguir; sua primeira idéa, chegando á Char-donneux, foi procurar substituir junto de sua filha aquella que deixara de existir e pagar com usura a dívida de coração que havia contrahido; porém a lembrança da semelhança da mãe e da filha, causava-lhe uma dôr intoleravel. Em vão elle procurava enganar-se com esta mesma dôr e queria persuadir-se que era antes uma consolção, um alivio á suas magoas, encontrar em um rosto amado os traços d'aquella cuja perda chorava sem cessar. Apesar de tudo, Camilla era para elle uma accusação viva, uma prova de sua falta e de sua desgraça, que elle não se sentia com forças para supportar.

O tio Giraud pensava o contrario. Só cuidava em destrahir sua sobrinha e tornar-lhe agradavel a vida.

Infelizmente isso não era facil. Camilla se havia deixado levar sem resistencia, porém recusava-se á tomar parte nos prazeres que o bom homem lhe proporcionava. Nem passeios, nem festas, nem espectaculos podião seduzila; por unica resposta, ella mostrava seus vestidos de luto.

O velho pedreiro era teimoso. Alugou, como já se viu, um quarto mobiliado na hospedaria das diligencias, a primeira que um commissario do bairro lhe indicara, não contando demorar-se mais que um ou dous mezes. Havia um anno que elle vivia com Camilla. Durante esse tempo, ella sempre se negara á tomar parte nos prazeres que lhe procurava, e como elle era tão bom e paciente como cabeendo, esperou um anno sem queixar-se. Elle amava a pobre menina com todas as veras d'alma, sem mesmo saber a causa;—por um d'esses inexplicaveis encantos que prendem a bondade á desgraça.

—Enfim, dizia elle, acabando a garrafa, não sei o que te impede de ir á Opera comigo. Cá tenho o bilhete, e olha que custa caro; teu luto acabou hontem; tens dous vestidos dos novos; só te falta pôr a capa, e...

Elle interrompeo-se.

—Diabo! que não me entendes; não pensava n'isso! Porem que importa? a falla

é dispensada n'estes logares. Tu não ouves, eu não percebo; veremos dançar.

(Continua.)

(Gabriel).

Aos annos de Papae.

Qualquer os fará mais bello,
Ninguém tão d'alma os faria.
Alcécia Garrett.

Para um canto respeitoso
Que o mais puro amor inspira,
Não sei se n'elarei na lyra
Condignas phrases de um Pae;
Mas vós que, bondoso e amigo
Conheceis minha rudeza,
Sem reparar na pobreza
Meu pobre canto acceitae.

Fui dentro d'alma nascido
Pela amizade creado,
E fortemente inspirado
Por vosso amor paternal;
Se não é pois com sciencia
Que a lyra inculta dedilha,
Qu'importa? o meu canto é filho
De um sentimento leal.

De vossos annos o dia
Tão jubiloso e tão grato,
Vae ser o sudline ornato
Do meu humilde trovar;
Bem como estã simples e rã
Por mim tecida somente,
Vae servir humildemente
Para a vossa fronte ornar.

Hoje que todos portiam
Em dar-vos amigas provas,
Eu vim com singelas trovas
Na falta d'outras primores;
Mas julgando a offerta exigua,
Outra busquei com presteza;
Acho-a na natureza
E eis-a:—são essas flores.

Saudando o dia festivo
Com prazer como devemos,
Deixae por fim que elevemos
Nossa prece juvenil:
—Que Deus nos conceda a graça
De festejar este dia,
Sempre em vossa companhia,
Mais um anno e outro e mil.

Eis aqui meu ruão canto...
—Se alguém sem poder julgal-o
Atrever-se a profinal-o
Com desdeno ou ironia,
Dizei-lhe, meu Pae benigno,
(Que tões são os meus anhelos):
•Qualquer os fará mais bellos,
•Ninguém tão d'alma os faria!*

Maranhão, 6 de abril de 1873.

DOXA

Perguntas.

Diz-me cá, gentil donzella,
imagem fiel da pureza;
o amor que me votavas
tinha o cinho da firmeza?

Tu coração e tu'alma
acaso já me olvidaram?
De saudade os olhos teus
lagrimas por mim brotaram?

Uma só vez o teu peito
suspiros por mim soltou?
Na tua bocca mimosa
já meu nome se calou?

Quando vae de manhã cedo
colher flores no jardim,
nessas horas de recreio
tu te recordas de mim?

Do teu peito a longa ausencia
não destruiu meu amor?
Ou cada vez mais constante
me amas com mais ardor?

Com teus olhos dardejantes
(olhos lindos qu'elles são!)
quando estejas n'algum baile,
não me buscas no salão?

Nas horas mortas da noite
quando te pões a seismar,
não ouves tua alma ingente
o meu nome proclamar?

Nas asas do pensamento
saudades já me mandaste?
ou a perpetuo desprezo
o meu amor condemnaste?

Eta tens virgíneas sonhares
alguma vez já me viste?
Diz-me cá, tambem te rogo
—se alegre vives ou triste?

De mim te apraz a lembrança,
ou é chimera, illusão?
Responde, ó virgem, não mintas;
não mintas ao coração.

Em 7 de abril de 1873.

H. P.

Soneto.

(A CELSO DE MAGALHÃES.)

Maria é uma mulher idealista,
que servia de typo a Lamartine,
o estro meu pedreiro não n'a define,
embora de pachorra se revista;

Rafaelinda é uma mulher materialista;
mas na burra possui com que domine
quem á cullos render-lhe se abstine,
quem á seus dotes naturaes resista.

Maria é uma modesta costureira;
dá dinheiros á juros a Raymunda,
e ambos sentem por mim certa *caecira*...

Eu quizora escolher... que Rafaelinda
si diz-me a consciencia que a primeira,
este mundo sustenta que a segunda.

A. A.